

INTERAÇÃO SOCIAL DE ADOLESCENTES EM SALA DE AULA: perspectiva teórica

Bianca Reis Fernandes¹
Angelina Batista²

Resumo

Estudar a interação social de crianças, adolescentes e jovens em sala de aula pode favorecer a compreensão das dinâmicas organizadoras dos grupos, possibilitando, assim, não só a condução mais consciente do próprio processo de ensino e aprendizagem, mas também a construção de um relacionamento social mais respeitador dos motivos internos que mobilizam a organização dos grupos sociais. Conhecer a teoria de J. L. Moreno seria um primeiro passo para o conhecimento dos grupos existentes em sala de aula, pois, para além do grupo-classe, formado quando da composição das salas de aula, há os vários grupos em que se subdivide o grupo inicial. Moreno demonstra como cada indivíduo pode se situar em relação a seus pares com base na interação social regida pelas leis de atração e repulsão. Para os educadores, conhecer como seus alunos se colocam em relação aos colegas, pode facilitar seu trabalho, uma vez que, conhecidas as leis do grupo e respeitando-as, é possível intervir na socialidade do grupo e levá-lo a um melhor aproveitamento das atividades escolares. Este texto tem como objetivo principal apresentar a teoria sociométrica de J. L. Moreno e o trabalho por ele desenvolvido, tendo em vista sua importância para a área de Educação, principalmente pela utilização do teste sociométrico, importante instrumento de sociodiagnóstico e revelador das linhas mestras da socialidade dos grupos existentes em sala de aula.

Palavras-chave: Interação social; grupos sociais; teste sociométrico.

Conhecendo a teoria de J. L. Moreno

Jacob Levy Moreno (1899-1947) foi psico-sociólogo, médico e escritor, tendo vivido quando criança na Alemanha mudando-se para América já adulto; é considerado por muitos como o representante principal, criador e pai da psicoterapia de grupo, sociometria e psicodrama.

Iniciou seu trabalho na Europa, partindo para a América do Norte em 1925, onde encontrou terreno mais fértil para desenvolvimento de seus estudos. Posteriormente, em 1950, voltou para Europa Central, onde exerceu sua influência, principalmente nos países de língua alemã. Sempre teve a idéia de que o mundo em que vivemos necessita de uma terapia mundial, e de que ele mesmo deveria fazer algo para criar e divulgar essa terapia.

¹ Licenciada em Ciências Biológicas – Instituto de Biociências – UNESP – Botucatu - SP

² Professor Assistente Doutor – Departamento de Educação – Instituto de Biociências – UNESP – Botucatu - SP

A sociometria é um método de pesquisa das estruturas sociais a partir das correntes de atração e repulsa existentes entre os indivíduos. Foi criada por Moreno para iniciar o estudo das relações interpessoais num grupo ou numa comunidade.

Preocupado em conhecer como se davam as interações sociais nos grupos humanos, Moreno, entendendo que “a espécie humana é unidade social e orgânica” e que se “desenvolve segundo leis definidas”, propôs uma teoria das interações grupais, baseando-se na compreensão de que “as tendências que atravessam a espécie humana tornam-se aparentes, na superfície, como atrações, repulsas e indiferenças que devem ser relacionadas a índice de fatos biológicos, sociais e psicológicos”. Assim, para ele, “as correntes cruzadas sócio-emocionais positivas e negativas – atrações e repulsas – que fluem entre indivíduos e grupos são formas de distribuição de energia”. Fazendo uma analogia física, ele propõe que

a distribuição de energia no espaço social acontece de acordo com a lei de gravitação social. A fórmula sociométrica da gravitação social é: ‘Pessoa 1 (P1) e Pessoa 2 (P2) movem-se, uma em direção à outra – entre o local X e o Y – em proporção direta à quantidade de atração enviada (a1) ou recebida (a2) e em proporção inversa à quantidade de repulsa enviada (r1) ou recebida (r2), sendo a distância física (d) entre as duas localidades constante e a facilidade de comunicação entre X e Y, igual’. ... ‘Atração enviada’ e ‘atração recebida’ são provocadas e direcionadas por vários critérios – sexual, axiológico, etc.(MORENO, 1994, p. 209).

Essa energia de atração ou repulsa está na base da formação dos grupos. Entretanto, esses grupos evoluem e se diferenciam com o passar do tempo e com a expansividade emocional e social. O teste sociométrico visa a detectar as forças de atração e repulsa, existentes entre os indivíduos, num dado momento e num dado contexto social.

Em seu complexo trabalho, J. L. Moreno elaborou vários testes, de acordo com a necessidade de aprofundar seus estudos sobre as relações interpessoais (correntes de emoções entre pessoas) nos grupos sociais estudados, dentre estes testes: o Teste de Familiaridade, o Teste Sociométrico, o Teste de Espontaneidade, o Teste de Situação e o Teste de Role Playing, dos quais falaremos mais adiante.

Esses testes, necessários ao estudo da estrutura dos grupos e das relações interpessoais neles existentes, foram estabelecidos para que fosse possível medir, num estudo mais aprofundado, a organização e as relações menos explícitas existentes no grupo social. Foram feitas, por Moreno, várias experiências em pequenas comunidades, como internatos, grupos de trabalho, etc., a partir das quais pôde estipular certas regras para análise dos grupos. Algumas dessas regras serão detalhadas posteriormente.

Moreno formulou cinco diferentes testes com o fim de penetrar, em cinco passos sucessivos, nas camadas mais inacessíveis do grupo, iniciando pelas mais periféricas e atingindo as centrais.

1) Teste de Familiaridade.

O teste de familiaridade é apontado por Moreno como sendo o primeiro passo na busca da compreensão das interações interpessoais, pois leva-nos a conhecer a expansividade social do indivíduo (quantos indivíduos ele é capaz de conhecer), considerando o tempo em que está no grupo. Deve ser aplicado quando um novo indivíduo passa a fazer parte do grupo social, no início do trabalho, como, por exemplo, um novo aluno na classe.

É necessário perguntar ao novo membro quais indivíduos pertencentes ao grupo são seus conhecidos, e repetir essa operação com alguma periodicidade (de trinta em trinta dias, por exemplo). Moreno concluiu, a partir de seus estudos, que, quanto maior o número de pessoas conhecidas, mais adequado está esse indivíduo ao grupo, em relação à maturidade do grupo, à média de QI dos indivíduos a ele pertencentes e às relações que o grupo estabelece entre seus membros.

O teste de familiaridade só vai ser necessário e indispensável em grupos fechados, como o grupo de meninas de Hudson³, testado por Moreno, pois estas permaneciam numa comunidade isolada da cidade e quando chegavam novos elementos nesse grupo, estes iriam manter maior contato apenas com o novo grupo, distanciando-se dos grupos a que pertenciam anteriormente.

Esse teste serve para medir a expansividade social dos diferentes indivíduos do grupo antes de iniciar o Teste Sociométrico, que é o passo seguinte e o que melhor estudaremos.

2) O Teste Sociométrico.

O Teste Sociométrico de um grupo mede o conflito entre a estrutura visível de um grupo, mantida por seus membros por ocasião do teste, e a estrutura subjacente revelada por suas escolhas.

A versão mais antiga do teste sociométrico foi construída de modo a avaliar o conflito entre a configuração já existente de um grupo e a configuração almejada pelos seus membros.

³ Estas meninas viviam numa espécie de internato, mas eram divididas em grupos que habitavam cabanas sob a coordenação de uma mulher adulta responsável.

No questionário sociométrico, pede-se a determinado indivíduo que escolha seus companheiros em quaisquer dos grupos a que pertença ou venha a pertencer. Desse modo, os indivíduos são solicitados a escolher companheiros de seu próprio ou de um outro grupo, com a finalidade de realizar uma tarefa.

Espera-se que os indivíduos façam a escolha sem inibições e não tomem em consideração se as pessoas escolhidas pertencem ou não ao seu grupo atual.

O teste sociométrico consiste na formulação de perguntas que remetem para as relações sociais de um indivíduo, a partir de critérios pré-estabelecidos, respeitando a idade e os interesses comuns e motivadores do grupo a ser estudado. O teste tem como princípio apresentar, a um indivíduo, uma tarefa que precisa ser realizada. Pede-se a ele que escolha uma ou mais pessoas do grupo com as quais desejaria realizar essa uma tarefa. Por exemplo: Você vai morar fora de casa. Quem entre seus colegas gostaria que fosse com você?

A escolha dos critérios que nortearão a formulação da pergunta sociométrica é muito importante para que sejam criadas fontes motivadoras de respostas, no caso escolher colegas para resolução de uma tarefa. Muitas vezes, Moreno procurava saber as motivações dos indivíduos por meio de entrevistas e observações, como no caso de Hudson, o colégio de meninas, para, posteriormente, formular as perguntas sociométricas.

Além das perguntas positivas, podem ser feitas, também, perguntas negativas, do tipo: quem dos colegas você não escolheria? Estas servem para se determinar as correntes de repulsa.

O teste deverá ser aplicado após terem sido feitos esclarecimentos sobre o mesmo, explicando os motivos da aplicação e o que será estudado a partir das respostas. Algumas pessoas, após esse passo, podem sentir medo ou insegurança quanto a sua verdadeira posição no grupo e criar barreiras para a aplicação do teste, bem como interferir na resposta dos colegas, por isso deve-se estar atento, pois este teste é muito mobilizador do ponto de vista psicológico, visto que possibilita ao indivíduo saber a verdadeira posição que ocupa em seu grupo.

Quanto maior a possibilidade de realização da tarefa ou situação usada como critério, mais verdadeiras e espontâneas serão as respostas, e melhores serão os resultados alcançados no grupo em estudo.

Durante as escolhas, os indivíduos devem ser avisados de que não é necessário escolher apenas pessoas com quem têm contato atualmente e sim pessoas com quem quer ou pode vir a ter contato.

Após o teste é feito um sociograma, que é a representação gráfica das relações interpessoais, no qual os indivíduos testados vão ser representados por símbolos geométricos, e as atrações e repulsas por setas ou linhas, indo daquele que escolhe ao que é escolhido.

Moreno, instigado com a fidedignidade de algumas estruturas que identificava no sociograma montado a partir das escolhas dos indivíduos, quis saber se havia diferença de estruturas entre um sociograma montado a partir dessas escolhas espontâneas dos sujeitos e outro feito a partir de escolhas aleatórias feitas por sorteio. Ele se perguntava se, de fato, as estruturas encontradas nos sociogramas realizados a partir das escolhas de um sujeito eram representativas dessa escolha, ou se apareceriam estruturas semelhantes a essas qualquer que fosse o arranjo dos membros do grupo. Estudou, pois, as mesmas estruturas por meio de sorteios e percebeu que os resultados eram diferentes de quando as pessoas escolhiam umas às outras por interesse na resolução de uma tarefa. Concluiu então que algo mobilizava as pessoas a se escolherem. Moreno chamou *Tele* a este impulso de escolha. Pôde, então, a partir disso, constatar que a realidade distancia-se do aleatório, devido à estrutura do *tele* existente nas comunicações interpessoais.

O *tele* foi definido por Moreno como uma ligação elementar, que pode existir tanto entre indivíduos, como, também, entre indivíduos e objetos. O homem, progressivamente, desde o nascimento, desenvolve um sentido nas relações interpessoais. O *tele* é fator responsável pelo aumento na taxa de interação entre membros de um determinado grupo, pois a maior reciprocidade das escolhas (dois indivíduos escolhem-se) supera a possibilidade do acaso. O *tele* expressa a mais simples unidade de sentimento transmitida de um indivíduo para o outro; é definido como o movimento de “mão dupla” ou recíproco dos sentimentos de uma pessoa em relação à outra.

O próximo passo para aprofundar os estudos sobre o grupo é aplicar o Teste de Espontaneidade. Antes disso, contudo, precisamos saber o que significa essa espontaneidade.

A espontaneidade pode ser definida, segundo Moreno, como resposta adequada à situação nova, ou resposta nova, diferente, à situação antiga. Para que exista essa espontaneidade é necessário que haja criatividade.

A espontaneidade pode ser considerada como a capacidade de flexibilidade e reação do indivíduo durante as novas situações, e tem sido muito valorizada nos dias de hoje, pois em testes para admissão de novos empregados em empresas, o teste de espontaneidade tem sido muito utilizado.

Moreno ainda coloca que, quando a resposta à situação presente é adequada, a ansiedade diminui e até desaparece, mas quando a espontaneidade diminui a ansiedade

aparece e aumenta. Em outras palavras, a espontaneidade e a ansiedade são inversamente proporcionais. Se a espontaneidade chegar a seu ponto zero, a ansiedade chega ao ponto de pânico.

Por isso ele diz que

O teste da espontaneidade pode descobrir os sentimentos em seu estado inicial, nascente. Através dele, o agente do teste pode obter melhor conhecimento das respostas genuínas desenvolvidas por um indivíduo no decorrer da conduta e pode perceber atos no momento em que ocorrem. (MORENO, 1994, p. 200)

A manifestação operacional da espontaneidade é o que Moreno chamou de processo de *aquecimento*. Esta manifestação deve ser medida pela dinâmica mobilizadora das reações espontâneas do sujeito. O importante não é o fato proposto em si, e sim as reações que antecedem sua realização.

Primeiramente, Moreno observou que existiam *indicadores de aquecimento*, que não são apenas sinais mentais ou sociais, mas também fisiológicos, como o ritmo acelerado da respiração, o choro, o sorriso, o ranger dos dentes, etc., e constatou que estes sinais aparecem, mesmo que o indivíduo não tenha consciência deles, nem tenha o objetivo de produzir um estado mental específico. São, portanto, independentes de sua vontade.

Estas reações não estão ligadas a uma emoção específica e sim a todo um grupo de emoções com propriedades semelhantes. Por exemplo, ranger os dentes, fazer careta, cerrar os punhos, lançar olhares penetrantes, emitir sons estridentes, arrastar os pés e outros, tendem a liberar estados emocionais como a raiva, o desejo de dominação ou o ódio, ou ainda o precursor vago e difuso destas tendências de sentimento. Outro conjunto de expressões tais como: respiração acelerada e ofegante, tremores, fuga, espasmos dos músculos faciais, gritos súbitos e outros, desenvolvem outras tendências de sentimento de ansiedade, medo, desespero ou a combinação difusa deles. Ainda outro conjunto como: sorrir, beijar, rir, arregalar os olhos e abraçar, estimula a condição de feliz excitação.

No teste de espontaneidade, o indivíduo é colocado junto a outros indivíduos, que fazem parte ou não de suas relações pessoais. Quando ele é colocado com estranhos, esta é uma situação chamada de “desestruturada” e, dependendo do grau de relação que o indivíduo testado possui com aqueles junto aos quais está colocado, as situações adquirem graus variados de estruturação.

O objetivo desse teste é explorar a gama e a intensidade da espontaneidade dos indivíduos em sua troca de emoções. Por meio dele são verificados: a reação espontânea do

sujeito em relação a cada pessoa colocada em sua frente, o tipo e o volume de suas emoções e a reação espontânea de cada uma delas em relação ao sujeito.

Pede-se que o indivíduo deixe-se levar por um estado de emoções em relação à pessoa que se encontra em sua frente, e que esta responda como responderia, habitualmente, às atitudes do indivíduo em situação de teste. Os dois são observados. São anotadas as reações, os movimentos, as expressões mímicas, bem como o tempo que vai do estímulo até a resposta, e a duração das reações.

O ponto primordial do teste é que o sujeito é instruído a exercitar sua completa espontaneidade.

Para finalizar, é montada uma matriz sócio-emocional, na qual estarão representadas as emoções como: raiva, empatia, medo, domínio, etc., por meio de linhas que partem do sujeito para outros indivíduos e desses para o sujeito.

Após o teste de espontaneidade, é aplicado o teste de situação e de Role Playing, para aprofundar ainda mais o conhecimento sobre as relações interpessoais no grupo.

3) O Teste de Situação.

O teste de situação consiste em medir as relações de espaço e tempo, lugares e movimentos, atos e pausas, quantidade de palavras e gestos, iniciação, transferência e término de cenas. Durante a interpretação, ocorre a observação e análise de diferenciadas situações vividas pelo sujeito e com impressões recolhidas por ele, que vai assumir diferentes papéis, seus e de outros com quem teve experiências nos variados grupos aos quais pertence ou pertenceu. Para quem aplica este teste, o que interessa são as configurações das situações.

Após o teste de situação é feita uma matriz, a matriz situacional, na qual será representado o tempo do diálogo, as interações e pausas e o número de palavras ditas em cada interação.

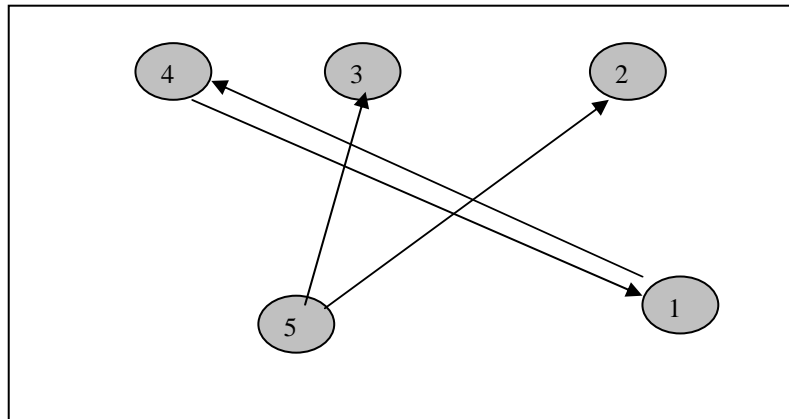
4) O Teste de Role Playing.

O teste de Role Playing é praticamente igual ao anterior, com a diferença de que este é limitado a um aspecto específico, por exemplo, aos papéis que os indivíduos interpretam. Para quem aplica o teste o que interessa é a gama de papéis desempenhados e suas estruturas.

Após o teste de Role Playing é montada uma matriz de papéis, na qual estarão representados os indivíduos, seus papéis e as relações que lhes são compatíveis e incompatíveis.

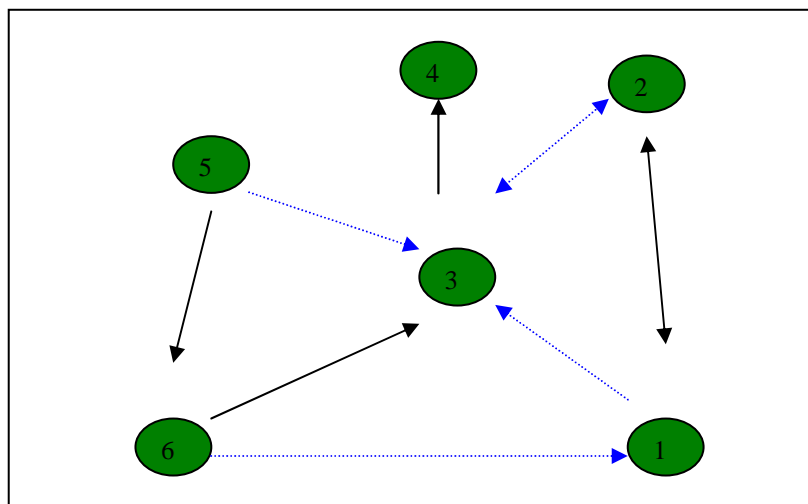
A seguir mostraremos exemplos das cinco matrizes que devem ser criadas para facilitar a visualização dos dados conseguidos.

MATRIZ DE FAMILIARIDADE



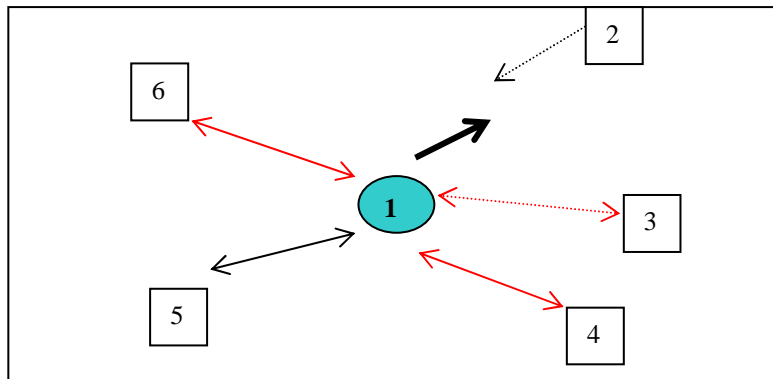
Essa primeira matriz é uma matriz de familiaridade na qual cinco indivíduos relatam quem conheciam antes do encontro face a face. Ela não tem qualquer outra conotação emocional ou social: o critério é apenas o de conhecer o outro.

MATRIZ SOCIOMÉTRICA



Matriz sociométrica ou sociograma, com seis indivíduos e setas representando correntes de atração e repulsa; as linhas pretas representam atração e as azuis, repulsa. Pode também haver linhas representando sentimento de indiferença.

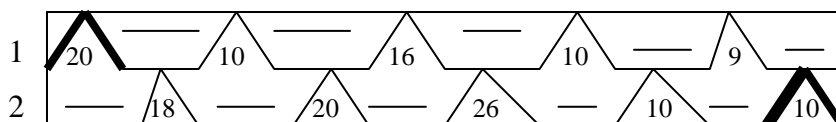
MATRIZ SOCIO-EMOCIONAL



A matriz socio-emocional representa as emoções de indivíduos em relação a outros.

No caso, o indivíduo 1 e as emoções deste em relação a cada um dos outros indivíduos. As linhas vermelhas significam simpatia; as vermelhas tracejadas, indiferença; a preta fina, produção de raiva; a preta grossa, dominação; e a preta tracejada, medo. Aqui estão representadas apenas uma emoção destinada a cada indivíduo, mas, na realidade, pode haver maior número de emoções destinadas de um mesmo indivíduo para um mesmo alvo.

MATRIZ SITUACIONAL

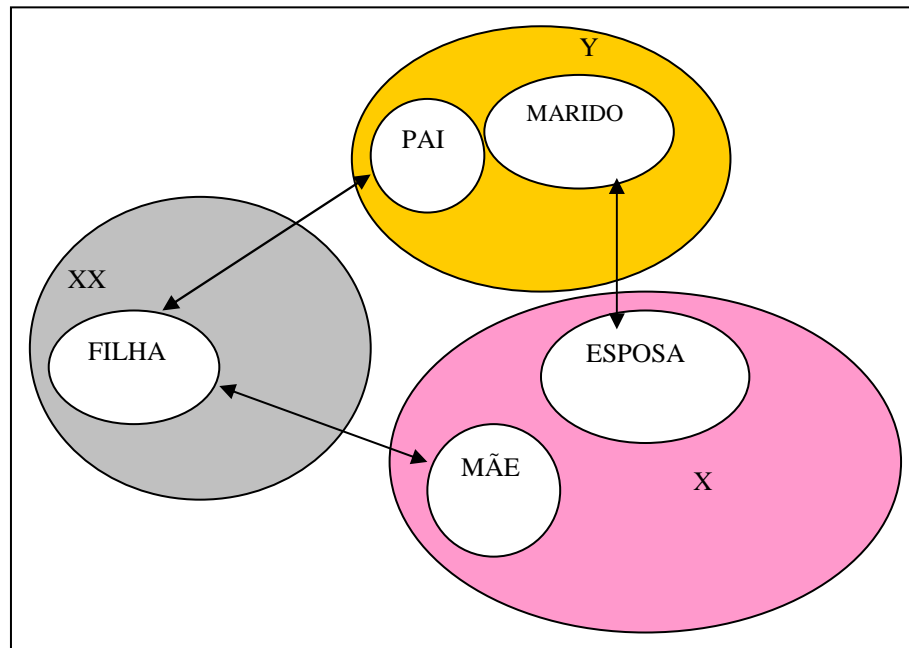


legenda:

- △ símbolo de interação
- símbolo de pausa
- ▲ símbolo de interação inicial ou final

A matriz situacional representa o tempo. A unidade de tempo utilizada para medir uma interação foi de quinze segundos; o número inserido no símbolo de interação, é o volume de palavras faladas durante aquele período. No caso, o tempo total foi de 1'50". Este é igual ao número de interações, multiplicado pela unidade de tempo de cada interação.

MATRIZ DE PAPÉIS



Nesse sociograma de papéis o X e o Y são mutuamente atraídos no papel de marido e esposa, o X e o XX se atraem mutuamente no papel de mãe e filha e o XX e o Y atraem-se mutuamente no papel de pai e filha.

Além de todos estes testes, existe um sexto teste chamado de **Teste de Expansividade Emocional**; este mede a energia emocional de determinado indivíduo, tornando-o capaz de segurar a afeição de outros indivíduos por dado período de tempo.

Aqui não importa quantas pessoas são escolhidas, mas quantas pessoas determinado indivíduo pode manter em contato e satisfazer em suas necessidades imediatas. A expansividade emocional situa-se entre o teste sociométrico e o teste de espontaneidade, na análise sociométrica do comportamento.

Este teste indica que diferentes indivíduos podem manter apenas certo número de contatos, aos quais consegue suprir as necessidades afetivas. Para cada um, o número de contatos é diferente e relativo a sua expansividade emocional.

Podemos então perguntar: será que salas de aula com muitos alunos não impossibilitariam a alguns professores manter o contato e atenção de todos os seus alunos?

Baseados nas teorias de Moreno, podemos dizer que, provavelmente, sim, pois cada professor tem uma expansividade emocional diferente. Nas experiências feitas por Moreno, em que as meninas moravam em cabanas e havia uma mulher encarregada de cada uma das

cabanas, em Hudson, ele pôde notar que cada encarregada era capaz de chamar a atenção de um certo número de garotas e que, ultrapassado este limite, era iniciado um processo de seleção, no qual a encarregada desenvolvia interesse unilateral por aqueles a quem era espontaneamente atraída: os demais ficavam de lado.

Resta saber que a expansividade é susceptível de treinamento. Na maioria dos casos estudados por J. L. Moreno, a limitação dessa expansividade devia-se à falta de habilidade funcional em utilizar todo o potencial dessa expansividade. As encarregadas, assim como os professores, poderiam conseguir essa habilidade pelo exame, pela percepção, de seu potencial de expansividade emocional. Vale a pena saber que a expansividade é muito maior do que aparenta e, às vezes, é consumida fora dos objetivos do indivíduo.

Segundo Moreno, pela percepção deste volume emocional e pela gama de seus consumidores, chegamos à compreensão de onde nossas emoções estão concentradas e, conforme o caso, é um bom referencial que nos indica de onde deve ser retirada a energia em excesso e onde esta deve ser reposta.

Fases do Desenvolvimento dos Grupos

J. L. Moreno deixa claro em seu trabalho que, ao falar de maior ou menor grau de diferenciação grupal, não está fazendo qualquer julgamento de valor. Por exemplo, não está dizendo que um grupo mais altamente diferenciado progride e outro menos diferenciado regride e, sim, expressando níveis variados de diferenciação do grupo, mostrando como se encontram nas estruturas e como estas se alteram quando submetidas a critérios diferentes.

Segundo Moreno, tanto a expansividade emocional quanto a social desenvolve-se com a idade. Este desenvolvimento é recíproco: o efeito que indivíduos e grupos exercem sobre esta sociabilidade em maturação, bem como a influência das relações grupais sobre indivíduos, levou Moreno a diferenciar os seguintes períodos de socialização:

Até 7- 9 anos:	Período de Pré- Socialização
De 7- 9 anos até 13- 14 anos:	Primeiro Período de Socialização
De 13- 14 anos em diante:	Segundo Período de Socialização

Durante o Período de Pré-Socialização, os grupos formados pelas crianças são menos constantes e menos diferenciados do que aqueles formados em fase posterior. Nos grupos mais jovens, pode aparecer grande número de não escolhidos e de isolados, enquanto o número de pares mútuos é pequeno. O padrão difuso mostrado por esses grupos deve-se ao

aparente menor desenvolvimento do *tele*. Nesse período, não são produzidas ações ou ideais cooperativos entre os membros do grupo.

Durante o primeiro período de socialização, as crianças tornam-se capazes de formar grupos independentes dos adultos, mostrando ação cooperativa e a busca da realização de objetivos comuns.

A tendência a formar grupos de um único sexo começa a ser mais marcante em torno dos 8 anos e inicia seu declínio em torno dos 13 anos. A partir daí há um aumento gradual nas escolhas inter-sexuais. Ao completarem 7 ou 8 anos, as crianças são capazes de formar uma gangue não sexual; dos 12 ou 13 anos em diante, o fator sexual pode entrar na formação de grupos e diferenciá-los ainda mais. O efeito que a função sexual, em amadurecimento, dos indivíduos tem sobre a estrutura do grupo levou Moreno a diferenciar, portanto, os seguintes estágios:

Até 6- 8 anos:	Primeiro Estágio Inter-Sexual (grupos mistos)
8 anos até 13 anos:	Primeiro estágio Homossexual (grupos uni-sexuais)
13- 15 anos em diante:	Segundo estágio Inter-Sexual
15- 17 anos em diante:	Segundo estágio Homossexual (grupos uni-sexuais)

Nos grupos infantis e de adolescentes, à medida que seus membros ficam mais velhos, a organização, como um todo, fica mais complexa, com o passar dos anos.

Divisões nos Grupos Observadas por Moreno em Sociogramas

Segundo estudos realizados por Moreno, a partir da primeira série escolar, os grupos desenvolvem organização mais diferenciada, o número de não escolhidos diminui, o de pares aumenta e a partir da terceira série, estruturas complexas, formadas por três ou mais indivíduos aparecem. A organização fica cada vez mais pronta e madura para funcionar para o grupo.

A diferenciação cada vez maior dos grupos formados pelas crianças a partir da segunda série e o insight diminuído dos adultos em relação ao papel e posição de determinada criança no grupo, marcam o início de uma *separação social*, uma separação entre grupos de adultos e de crianças.

Na Quarta Série inicia-se a *separação sexual*, pois o percentual de atrações entre os sexos cai muito. Essa separação mantém-se até a Oitava Série. Ao mesmo tempo, o número de pares e estruturas sociais aumenta, rapidamente. Segundo Moreno, parece que esta

separação sexual acelera o processo de socialização e aprofunda os vínculos emocionais entre os membros dos grupos masculinos e femininos nos quais a classe, agora, se divide.

Na Quinta Série inicia-se a *separação racial*. Esse fenômeno não foi observado nos grupos pré-escolares e muito pouco observado nas Séries anteriores.

A organização que já se encontrava fragmentada em dois grupos uni-sexuais, tem a tendência de dividir-se cada vez mais em vários subgrupos, mais ou menos distintos, cada um formado de meninas e de meninos de mesma raça. Nessa faixa etária também começa a separação quanto ao status sócio-econômico precipitando a *separação socioeconômica*.

Essas organizações relacionam-se com diversos fatores ligados à percepção dos diferentes e dos semelhantes. No início, as crianças começam a perceber que o adulto é diferente e unem-se a outras crianças que são consideradas próximas e semelhantes a ela; depois, percebem as diferenças e semelhanças entre sexos, raças e status socioeconômico. É essa percepção entre as diferenças e semelhanças o que vai causando a fragmentação do grupo em subgrupos cada vez menores e concisos.

Essa separação vai terminar quando se desperta a curiosidade pelo diferente, como o sexo oposto, as diferentes raças. A curiosidade pelo outro sexo e outras raças pressupõe espírito expansivo. Quando as atrações heterossexuais cedem lugar para atrações homossexuais, no momento em que a curiosidade pelo outro sexo diminui e a indiferença ou antagonismo por ele se desenvolve, há também uma queda na curiosidade por membros de outras raças e a indiferença e antagonismo por eles pode manifestar-se.

Lei Sociogenética

Segundo Moreno, a descoberta de que, com a maturidade da inteligência e das emoções, a sociabilidade de um indivíduo também amadurece, já era de se esperar. Mas não se esperava descobrir que, em um grupo de indivíduos, a organização de suas inter-relações crescesse e se cristalizasse; nem que os conflitos entre as diferentes inteligências (emocional, social e mental), a capacidade de emocionar-se e de socialização dos indivíduos, não destruíssem o processo de amadurecimento nem proibissem a existência e ocorrência de tendências inatas no grupo. Parece que as formas superiores de organização de grupo evoluíram a partir das mais simples, e existem tendências de organização.

Durante seus estudos com grupos de meninas, Moreno pôde perceber que dentro da mesma comunidade, indivíduos diferentes desejam padrões diferentes de organização. Enquanto alguns escolhem os mesmos indivíduos para execução de todos os tipos de tarefa, outros escolhem indivíduos diferentes para cada tarefa proposta. O fato de todos esses

indivíduos terem sido educados em meio ambiente industrial semelhante e que, ainda assim, tendem a produzir organizações sociais contrastantes, pode reforçar o argumento de que a máquina não é o único fator a produzir especialização de função e diferenciação social.

Essas descobertas

sugerem que a noção de que a organização de grupo é, em seu desenvolvimento ontogenético, em grande parte, epítome das modificações de forma que sucessivas sociedades ancestrais das espécies sofreram no curso de sua evolução histórica, podemos chamá-la de *Teoria de grupo da evolução*. (MORENO, 1994, p. 93)

Moreno diz que os grupos seguem uma tendência de organização que deve ser constante e universal.

Tipos de Organização de Grupos

Os grupos de pessoas tendem a desenvolver organização definida, passível de ser determinada com precisão; contudo, os padrões dessa organização podem mudar:

- a) Segundo a faixa etária de seus membros (separações conforme interesses, aparecimento de estruturas com mais de três indivíduos, maior número de pares à medida que os indivíduos tornem-se mais velhos);
- b) Segundo o interesse mútuo de seus membros. Os grupos podem ser organizados de seis formas: forma extrovertida, introvertida, solitária, balanceada, agressiva para dentro e agressiva para fora (organização introvertida, extrovertida, de solitários, a balanceada e agressiva para fora ou para dentro).

A organização do grupo tende a ser introvertida quando seus membros preferem permanecer nele a sair. A relação estabelecida nesse tipo de organização costuma ser cordial e emocional.

A organização do grupo tende a ser extrovertida quando a maioria de seus membros prefere sair dele para outros grupos. A relação nele estabelecida costuma ser fria, já que pouca emoção permeia seus membros.

A organização de solitários acontece quando os membros do grupo não demonstram interesse nem por pessoas de dentro nem por pessoas de fora do grupo.

As tendências extrovertidas e introvertidas equilibradas num grupo tornam a organização deste balanceada.

As noções sociométricas extrovertido e introvertido não têm correspondência ao seu sentido psicológico, pois um grupo extrovertido pode conter pessoas introvertidas e vice-

versa. As noções sociométricas que correspondem ao significado psicológico dessas palavras são expansividade emocional e contração emocional, respectivamente.

Se todo o grupo, ou a maioria de seus membros, desenvolve atitude hostil para com um ou mais grupos exteriores, sua organização pode ser chamada de *agressiva para fora*. Por outro lado, se essa tendência é dominante dentro do grupo, a organização pode ser chamada *agressiva para dentro*. De acordo com o critério e função do grupo, a organização em cada caso pode ser diferente, mesmo se tiverem membros em comum em todas as situações.

Análise Quantitativa da Organização de um Grupo

O primeiro problema citado por Moreno foi determinar a quantidade de interesse que os membros do grupo demonstram pelo próprio grupo. Esta análise é feita a partir da razão das escolhas feitas pelos indivíduos dentro do próprio grupo e o número de escolhas possíveis. Por exemplo: num grupo de 20 pessoas, é aplicada uma questão sociométrica com cinco escolhas permitidas, o número total de escolhas possíveis é 100 e o número de escolhas efetivas dentro do próprio grupo foram 70, portanto a razão entre 70 e 100 é igual a 70%, isso quer dizer que a *razão de interesse pelo próprio grupo é de 70%*.

Segundo Moreno, a taxa mínima de interesse pelo grupo, se quisermos que ele permaneça como unidade construtiva, talvez seja inversamente proporcional a seu tamanho. Ou seja, um grupo muito grande tolera uma taxa menor de interesse, pois ainda fica um grande contingente mantendo a unidade do grupo. Um grupo muito pequeno, precisa ter uma taxa de interesse muito alta para manter-se unido. Quanto menor o grupo maior precisa ser a taxa de interesse. Por exemplo, num relacionamento dual, se um dos parceiros dirige o interesse para uma terceira pessoa, o relacionamento torna-se muito difícil entre esses parceiros.

As *razões de atração e de repulsa* são calculadas conforme o número de atrações e repulsas existentes no grupo. É a razão do número de atrações ou de repulsas sobre a soma das correntes de atração e repulsa. Essa razão de atração pode ser calculada independentemente do tamanho do grupo que se estuda. Com base na razão de interesse pelos próprios grupos e por grupos de fora; na distribuição de atração e repulsa em determinado grupo, e também dirigida a grupos de fora; na razão de atração que certo grupo tem por outros; e em outros cálculos estatísticos, Moreno desenvolveu o *quociente social* de um grupo.

Análise Estrutural da Organização de Grupo

Moreno chamou as formas assumidas pelas inter-relações de indivíduos de *estrutura* e a figura final formada por estas, em um grupo, sua *organização*. A expressão do posicionamento de cada indivíduo pode ser mais bem visualizada por meio de sociogramas do que pela equação sociométrica.

A análise estrutural dá-se pelo estudo minucioso dessas estruturas e suas conformações. Foi por meio destas análises que Moreno constatou que várias das estruturas e organizações repetem-se e são características.

Uma das técnicas para estimar o status de determinado grupo, no que concerne a sua estrutura específica, consiste em determinar a quantidade de cada estrutura específica, como estruturas isoladas, estruturas de pares de atração ou de rejeição mútua, estruturas triangulares de atração, estrelas, estruturas complexas.

Transcrevemos abaixo considerações que Moreno faz a respeito de suas análises de sociogramas, apontando, assim, duas de suas conclusões.

- a) “O fato de existirem grande número de indivíduos isolados é prejudicial ao grupo, em sua totalidade”. (Moreno, 1994, p. 127)
- b) “Pode-se concluir que: em organização de grupo, quanto maior o número de estruturas isoladas, menor será o padrão de sua integração e quanto maior o número de atrações mútuas, maior será o padrão de sua integração; grande número de atrações mútuas é solo propício para melhor harmonia e estas tornam-se evidentes pelo aparecimento de número maior de estruturas complexas, tais como correntes, triângulos, quadrados, etc.; por outro lado a desorganização e desarmonia são indicadas pelo grande número de repulsas mútuas e de atrações rejeitadas.” (Moreno, 1994, p. 127)

Estruturas Encontradas nos Sociogramas

Aqui estão listadas as estruturas mais características dos grupos, para uma facilitada compreensão de sociogramas desenvolvidos por Moreno (1994, p.127-129):

- ✓ Par vermelho. Dois indivíduos formam atração mútua.
- ✓ Par preto. Dois indivíduos rejeitam-se.
- ✓ Par incompatível. A natureza dos sentimentos enviados não são as mesmas, um é atraído, mas seu par sente por ele indiferença ou repulsa.
- ✓ Corrente preta. Forma quando dois indivíduos se rejeitam, mutuamente. Um deles forma rejeição mútua com um terceiro, este com um quarto, e assim por diante. A corrente incompatível espelha o número de pessoas no grupo

sensibilizadas aos defeitos dos outros; quanto maior a corrente preta, mais sensibilizados são os indivíduos. A atitude emocional daqueles que entram na corrente preta corre perigo de tornar-se cada vez mais absorvida por interesses críticos, suspeitos e hostis, especialmente se eles encontrarem-se isolados no grupo.

- ✓ Corrente vermelha. Tem-se essa estrutura quando duas pessoas são mutuamente atraídas, sendo que uma delas forma atração mútua com uma terceira e assim por diante. A corrente compatível representa fluxo ininterrupto de contatos emocionais no grupo. É a rota natural de sugestão, fofoca, imitação indireta, etc. e influencia na formação de atitudes do grupo. É o cabo telefônico social.
- ✓ Triângulo preto. Três indivíduos incompatíveis entre si. Esta estrutura, às vezes, acompanha condutas bastante diferentes. Em um caso, Moreno descobriu que as linhas pretas enviadas eram devido a ciúmes e protesto, já que cada um tentava dominar o grupo sozinho e ilimitadamente.
- ✓ Triângulo vermelho. Três indivíduos compatíveis entre si.
- ✓ Quadrado preto. Assim como o círculo preto é estrutura muito rara, é reflexo de rejeição tão concentrada que a situação no grupo onde se desenvolve tem de ser abrandada, logo após formação de tal estrutura.
- ✓ Quadrado vermelho. Formada por quatro indivíduos mutuamente atraídos por, pelo menos, dois desses quatro. Toda estrutura hermética como esta deve ser considerada suspeita pois pode significar o início de uma gangue separada do grupo principal. Porém, quando as quatro pessoas estiverem inter-relacionadas, por atração, a outras no grupo, o quadrado vermelho passa a ser produto de uma superestrutura bem integrada à organização deste grupo.
- ✓ Círculo vermelho. Forma-se a semelhança da corrente vermelha, só que é estrutura fechada.
- ✓ Estrela vermelha. Formada se cinco ou mais indivíduos estiveram atraídos pela mesma pessoa, sendo esta o centro da estrela vermelha.
- ✓ Estrela preta. Forma-se esta estrutura quando cinco ou mais indivíduos rejeitarem a mesma pessoa, que é o centro da estrela preta.
- ✓ Estrela vermelha. Que rejeita o Grupo. Formada quando o indivíduo centro da estrela rejeita a maioria dos que são atraídos por ele.

- ✓ Isolamento simples. Representa o isolamento de um indivíduo, não só em seu grupo, mas também na comunidade. A pessoa não é nem escolhida nem rejeitada e não escolhe nem rejeita.
- ✓ Segundo tipo de isolamento. A pessoa escolhe outras de fora do grupo, mas não é escolhida nem por elas nem pelos indivíduos do grupo.
- ✓ Terceiro tipo. A pessoa é escolhida por indivíduos de fora de seu grupo e escolhe, ela mesmo, pessoas que não a escolheram. Não escolhe nem é escolhida em seu grupo; ou, talvez, seja escolhida por pessoas de seu grupo, mas não faz escolha alguma.
- ✓ Quarto tipo de isolamento. A pessoa escolhe apenas indivíduos de seu grupo, mas estes são indiferentes a ela.
- ✓ Triângulo isolado. Três indivíduos formam triângulo mutuamente compatível, porém cada um dos três recebe linhas pretas do grupo. É a estrutura de um triângulo isolado e rejeitado.
- ✓ Sexto tipo de isolamento. Cinco indivíduos cada um isolado e rejeitado no seu grupo, rejeitam uma ou outra entre essas cinco pessoas.
- ✓ Par isolado. Dois indivíduos formam par mutuamente compatível, mas ambos não são escolhidos.
- ✓ Isolado, rejeitado e rejeitante. O indivíduo não apenas permanece sem escolhas, mas é, também, rejeitado. Por sua vez também rejeita o grupo.

Neste texto, procuramos sintetizar a teoria de J. L. Moreno e, em um próximo trabalho, estudaremos o relacionamento de um grupo de alunos em sala de aula. Conhecer a dinâmica organizadora dos grupos sociais é, talvez, o caminho mais seguro para uma intervenção educacional nessas dinâmicas, sobretudo se os grupos se organizam em função de objetivos socialmente prejudiciais.

Referências

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Cecília dos Santos Raposo. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada*. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

MORENO, J. L. *Psicoterapia de grupo e Psicodrama*. Tradução de José Carlos Vitor Gomes. 3 ed. revisada. Campinas, SP: Livro Pleno, 1999

MORENO, J. L. *Quem sobreviverá? Fundamentos da Sociometria, Psicoterapia de grupo, e Sociodrama*. Tradução de Denise Lopes Rodrigues e Márcia Amaral Kafuri. Goiânia, GO: Dimensão, 1994.

SILVA, T. T. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOCIAL INTERACTION OF TEENAGER STUDENTS IN CLASSROOM: A THEORETICAL PERSPECTIVE

Abstract

The study of social interactions of children, teenagers and young adults in the classroom can favour understanding of the organizing dynamics of groups. Such an understanding contributes not only to more conscious directions for the process of teaching and learning, but also to improve human relations according to individual motivations. Acknowledging J. L. Moreno's theory can be a first step towards the study of social groups formed in the classroom, focusing on sub-groups formed by the interactions of the individuals. Moreno showed how each individual relates to his/her pairs based on laws of attraction and repulsion. Education professionals can better execute their work when paying attention to how each student relates with each other, using this knowledge about social rules to improve social relations in the group of students leading to a better performance in school. This work has a main goal to present the sociometrics theory of J. L. Moreno and his work in social groups, showing its value for educational practice. The Sociometrics Test developed by him is an important tool for sociodiagnosis, to reveal social patterns of subgroups that spontaneously appear in the classroom.

Key-words: Social Interaction; Social Groups; Sociometrics Test.